

## AS TECNOLOGIAS DIGITAIS NO ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA DE 2011: ENTRE VELHOS E NOVOS DESAFIOS

Élida Pasini Tonetto<sup>1</sup>  
William Prates Corrêa<sup>2</sup>

### RESUMO

Neste artigo, são analisados discursos sobre tecnologias digitais que circularam no Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia (ENPEG) 2011. O trabalho integra a pesquisa Geografia Escolar e tecnologias digitais<sup>3</sup>, que abarca a análise dos eventos realizados entre 2011 e 2022, contudo neste trabalho o foco da discussão são os Anais do ENPEG 2011. A metodologia pautou-se pela seleção de artigos sobre tecnologias digitais, organizados em um quadro com: grupo de trabalho, título, autores e instituição, artigos e excertos extraídos, possibilitando um mapeamento com as formações lógicas comuns, associações, diferenças e abordagens mais frequentes. A análise inspira-se na noção foucaultiana de discurso a partir de Ferreira, Traversini (2013) e Fischer (2001). Os estudos de Castrogiovanni (2020) contam sobre a história do evento, Ferreira et al. (2020) subsidiam as relações entre Educação e Tecnologia, Gonçalves (2011) e Giordani (2020) fornecem suporte teórico para discutir a Geografia Escolar como campo de investigação. As análises indicam que no ENPEG (2011) às tecnologias digitais estavam associadas, predominantemente, aos grupos de trabalho intitulados “Diferentes linguagens no ensino” e “Formação de professores”. Os enunciados vinculavam às tecnologias aos meios de comunicação, a capacidade de ampliar o acesso à informação e à interação. Além disso, associavam as tecnologias ao maior acesso à educação e enfatizavam a falta de preparo docente para lidar com elas. Palavras que denotam utilidade, eficiência e uso predominam nos trabalhos e constituem a ideia da tecnologia como ferramenta, reforçando um solucionismo e um otimismo tecnológico para o ensino de Geografia.

**Palavras-chave:** Geografia Escolar, Tecnologias digitais, ENPEG.

### INTRODUÇÃO

No decorrer das experiências dos autores em ações de ensino, pesquisa e extensão emergiu a necessidade de atualizar e aprofundar o estado da arte das pesquisas com tecnologias digitais na Geografia Escolar, tendo em vista sua consolidação enquanto campo de investigação. Além disso, percebe-se que as formações pedagógicas ofertadas pelas redes de ensino sofrem influências diretas do mercado na visão sobre as tecnologias digitais

<sup>1</sup> Professora na Faculdade de Educação (Faced), Departamento de Ensino e Currículo (DEC), Núcleo de Estudos em Educação e Geografia (NEEGeo) - UFRGS, elida.tonetto@ufrgs.br;

<sup>2</sup> Estudante da Licenciatura em Geografia na UFRGS, bolsista de Iniciação Científica no Projeto de Pesquisa Geografia Escolae e Tecnologias digitais, will.praco@gmail.com.

<sup>3</sup> O artigo sistematiza parte dos resultados do Projeto de Pesquisa: Geografia Escolar e Tecnologias Digitais, coordenado pela professora Élida Pasini Tonetto (UFRGS).



adotadas em algumas abordagens. Diante dessas inquietações, surge o projeto de pesquisa Geografia Escolar e Tecnologias Digitais.

É inegável que a visão do mercado sobre as tecnologias digitais está presente nos mais variados âmbitos das nossas vidas, tendo em vista que as empresas do mercado digital possuem atualmente um poder econômico e simbólico enorme, e vem produzindo efeitos em diversos âmbitos da sociedade. Com a Educação não é diferente, as grandes empresas de tecnologias produzem efeitos em nossas práticas pedagógicas, nossas pesquisas e nosso modo de ser/estar no mundo. Contudo, os professores produzem em seus cotidianos diferentes formas de usar, criar e recriar possibilidades em suas práticas pedagógicas. Nesse sentido, a pesquisa proposta voltou-se para o mapeamento das pesquisas produzidas, por meio das publicações apresentadas nos Encontros Nacionais de Prática em Ensino de Geografia (ENPEG) entre 2011 e 2022, por ser um evento de referência para pesquisadores, estudantes e professores de Geografia e, portanto, aproximar-se do cotidiano docente.

Dessa forma, neste texto, são descritas, analisadas e problematizadas as produções dos Anais do ENPEG de 2011, realizado na Universidade Federal de Goiás. Como pressuposto teórico-metodológico das análises, adotou-se a noção foucaultiana de discurso. No âmbito teórico, houve aproximações com a Geografia enquanto campo de investigação e com as tecnologias digitais enquanto discursos que atravessam a Educação de diferentes modos. Nesse sentido, além de conhecer e valorizar as produções encontradas, convida-se os leitores para um encontro acolhedor entre professores que, ao mesmo tempo, discute e problematiza os discursos sobre as tecnologias digitais que permeiam a Geografia Escolar ao longo do tempo e, conseqüentemente, impactam continuamente o trabalho docente.

## **METODOLOGIA**

A metodologia adotada seguiu três abordagens: uma de caráter bibliográfico, outra teórico-metodológica e outra analítica. No desenvolvimento do estudo, essas abordagens estavam interligadas, ou seja, não foram conduzidas em paralelo nem de maneira sequencial. Pois, “no nosso caso, o método é o caminho a seguir para fazer uma abordagem, para chegar a algum entendimento sobre aquilo que se quer descrever, discutir, argumentar etc.” (Veiga-Neto e Lopes, 2010, p. 34).

O primeiro caminho adotado mapeou as pesquisas produzidas, por meio das publicações apresentadas nos Encontros Nacionais de Prática em Ensino de Geografia (ENPEG) entre 2011 e 2022, neste artigo o foco analítico abarca apenas o ENPEG de 2011. Já



o segundo caminho foi percorrido estudando e inventariando as ferramentas da análise discursiva fornecidas pelos estudos foucaultianos e a Educação. O terceiro busca e problematiza as aproximações entre Geografia Escolar e tecnologias digitais, por meio da descrição dos enunciados que compõem as formações discursivas e de leituras teóricas sobre tecnologias digitais na Contemporaneidade.

Como desdobramento desse processo, considerou-se a seleção de trabalhos que apresentam menções a termos relacionados às tecnologias digitais (virtual, digital e tecnologias digitais), seguida da leitura e fichamento dos textos. Assim, foram organizados quadros - um da seleção de textos (com informações como título do artigo, autores, instituição), outro da seleção de excertos (com informações sobre a função dos enunciados segundo Fischer (2001), a saber: referente, sujeito e campo associado) - e tabelas que sistematizam as informações levantadas, buscando evidenciar as recorrências e variações nos modos como as tecnologias digitais aparecem nas discussões.

É importante salientar que o público alvo do ENPEG é composto por pesquisadores da linha de Ensino de Geografia, docentes e estudantes dos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia, professores de Geografia da Educação Básica e demais interessados no tema. O evento costuma acontecer de dois em dois anos e é referência para os professores pesquisadores em Ensino de Geografia no Brasil. Além de aproximar-se das práticas de professores de Geografia em seus cotidianos, pois recebe grande número de docentes da Educação Básica.

Diante disso, a pesquisa em Anais do ENPEG auxiliou na compreensão sobre as aproximações entre as tecnologias digitais e a Geografia Escolar brasileira em diferentes perspectivas teórico-metodológicas. Nos Anais do evento de 2011 foram publicados 168 trabalhos, sendo 24 deles ligados à discussão sobre as tecnologias digitais, conforme dados da Tabela 1.

Tabela1 - Total de trabalhos ligados às tecnologias digitais

Total de trabalhos	Trabalhos ligados às tecnologias digitais	Selecionados para leitura	Excertos extraídos
168	24	19	21



Para as análises operou-se sobre os materiais selecionados com a noção de discurso a partir das teorizações de Michel Foucault, aproximando-o da Educação como ferramenta metodológica da pesquisa, especialmente a partir dos estudos de Fischer (2001) e Veiga-Neto (2010 e 2011). Nesse sentido, os materiais foram tomados como uma produção histórica e política, pois as palavras, as frases e proposições são também construções e a linguagem é constitutiva de práticas. A organização do corpus foi feita por um processo rigoroso de busca pelos enunciados, entendo que eles se encontram na transversalidade de frases, assim, as análises se balizam pela descrição das enunciações, composta pela escolha de excertos extraídos dos artigos escolhidos nos Anais do ENPEG de 2011.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho se insere no campo da Geografia Escolar, o que exige ao menos uma breve reflexão sobre sua constituição histórica e suas especificidades como área de investigação. Amanda Gonçalves (2011, p. 1) e Giordani (2020) abordam a Geografia Escolar como campo de pesquisa, “que está relacionado a tudo o que é produzido para, por e no ambiente da escola e da disciplina Geografia”. Nesse sentido, a autora reflete sobre como a disciplina escolar vai além de reflexo, vulgarização ou adaptação das ciências de referência, uma vez que o conhecimento escolar possui uma sócio-gênese distinta do debate acadêmico. Assim, as teorias sobre o clima ensinadas na escola, por exemplo, não são simples expressões da ciência geográfica, mas constituem um espaço em que os sujeitos escolares constroem significados e práticas próprias.

Os estudos dessas práticas já têm uma tradição crítica, especialmente a partir das investigações sobre o currículo. Nessa perspectiva, para além da compreensão do “como se deve fazer o currículo”, ganha maior importância a análise do “o que o currículo faz”. Esse olhar permite discutir as relações de poder, os processos de legitimação do conhecimento e as disputas que atravessam o ensino da Geografia (Gonçalves, 2011).

Tendo em vista o destaque dado ao ENPEG na pesquisa que ampara este texto e sua importância para o campo da Geografia Escolar é fundamental contextualizá-lo. Trata-se de um evento que costuma acontecer de dois em dois anos e teve sua primeira edição em 1985, na época reuniu professores que ministravam a disciplina de Prática de Ensino em Geografia em Universidades Públicas e Privadas e, que buscavam conhecer como eram trabalhadas a disciplina de Prática de Ensino em cada instituição, como registrou Castrogiovanni (2020).



Além disso, para além de ensinar Geografia, os pesquisadores vêm se debruçando cada vez mais na complexidade que envolve a produção de conhecimentos geográficos escolares, que conectam-se e ao mesmo tempo diferem-se da produção geográfica acadêmica. Nesse contexto, eventos como o Encontro Nacional de Práticas de Ensino de Geografia (ENPEG) têm desempenhado um papel considerável na sistematização e aprofundamento das discussões sobre o ensino de Geografia. Atualmente, o evento ocorre bianualmente, reunindo cada vez mais pesquisadores, dentre docentes e estudantes de graduação e pós-graduação em Geografia e professores da Educação Básica. Por isso, entende-se que o ENPEG tem sido essencial para consolidar novas abordagens para o ensino da Geografia, refletindo um número considerável de pesquisas na área.

Tratando mais especificamente do ENPEG 2011, foi o décimo primeiro evento, realizado pelo Núcleo de Ensino e Pesquisa em Educação Geográfica (NEPEG) e pelos membros do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Educação Geográfica (LEPEG) da Universidade Federal de Goiás. Castrogiovanni ressalta que os temas da palestra dessa edição “versaram sobre a necessidade de ampliar as discussões em torno das questões teórico-metodológicas no ensino e o papel que a pesquisa desempenha na docência da Geografia” (2020, p. 246). Contudo, na pesquisa em questão o foco recaiu sobre as discussões voltadas às tecnologias digitais, que já se faziam presentes em 2011, para tal buscou-se elementos discursivos que circulavam na época.

Deste modo, tomou-se como ponto de partida a discussão presente no artigo “Estratégias para resistir às resistências: experiências de pesquisa e docência em Educação e tecnologia” (Ferreira et al. 2020), em que as autoras e autores discorrem, dentre outras questões, sobre os discursos recorrentes acerca das tecnologias sobre as tecnologias digitais na educação. Para os autores, por um lado, os discursos focalizam no que os artefatos tecnológicos teriam a oferecer como benefícios, sustentando a noção de inevitabilidade de transformações causadas pela tecnologia; por outro lado, há uma rejeição de tudo aquilo que é considerado tecnologia, em oposição a idealização otimista, sob a “perspectiva de que a utilização das tecnologias na educação é, essencialmente, uma expressão de políticas neoliberais do Estado mínimo que objetivam cortar gastos em programas educacionais públicos”.

Assim, torna-se essencial problematizar as construções discursivas que apresentam certas premissas como verdades absolutas, limitando o debate sobre o papel das tecnologias na educação. Por isso, o caminho adotado neste texto é o de suspender e analisar as verdades sobre as tecnologias digitais na Geografia Escolar, verdades construídas ao longo do tempo e



que reverberam nas práticas cotidianas. Essa abordagem considera, principalmente, os avanços das políticas neoliberais na educação, implementadas no Brasil desde os anos 1990, e, mais recentemente, os interesses das empresas de tecnologia na educação.

A partir desse arcabouço teórico, realizou-se uma imersão nos anais selecionados e nos discursos que neles circulam, com o objetivo de analisar as tecnologias digitais no Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia de 2011 e identificar os desafios que permeavam a discussão do tema e que quiçá ainda estão em voga. Para além de analisar as produções, o intuito é valorizá-las e criar um espaço acolhedor de debates, fundamentado em experiências amplas e plurais produzidas ao longo do tempo pelos professores de Geografia.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para iniciar, é importante destacar que o ENPEG de 2011 reuniu 168 artigos, organizados em doze grupos de trabalho, os quais abordaram temas diversos relacionados à educação e à prática pedagógica. Dentre eles, 24 trabalhos fazem referência direta às tecnologias digitais, conforme Tabela 2.

Tabela 2 - Distribuição de trabalhos e excertos por Grupo de Trabalho

Grupo de Trabalho	Total de trabalhos	Trabalhos ligados às tecnologias digitais	Selecionados para leitura	Excertos extraídos
Formação de Professores	39	5	5	5
Método e Ensino/Aprendizagem	24	3	1	3
Cidade e Cidadania no Ensino de Geografia	10	0	0	0
Cartografia Escolar	12	3	2	0
As temáticas físicas e ambientais no ensino de Geografia	14	2	1	0
Conceitos Geográficos no ensino básico	12	2	1	0
Escalas de Análise Geográficas	2	0	0	0
Diferentes linguagens no ensino	12	4	4	6
Materiais Didáticos no Ensino de Geografia	13	3	3	6
Geografia em diferentes contextos	18	1	1	0
Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental	5	1	1	1



Currículo escolar e avaliação na formação inicial	7	0	0	0
---	---	---	---	---

Fonte: Organizado por Tonetto e Corrêa (2025) a partir da análise dos Anais do ENPEG de 2011.

O grupo de trabalho 'Formação de Professores' reúne 39 artigos, dos quais 5 abordam as tecnologias digitais. Esses artigos discutem temas como a formação de professores à distância, experiências em estágio supervisionado e extensão, além da aplicação de geotecnologias na formação docente. Neste eixo, chama a atenção a frequente menção à infraestrutura tecnológica: a implantação de infraestrutura tecnológica é percebida como desafio para o uso intensivo de tecnologias da informação e comunicação em educação (Zuba, Veloso e Souza, 2011, p. 2); a falta de computadores é pensada como obstáculo para ofertas de disciplinas vinculadas às geotecnologias (Almeida, Silva e Campos 2011, p. 7); é enfatizada a demanda dos professores por equipar escolas com Laboratórios de Informática (Pereira e Santos, 2011, p. 6).

Curiosamente, apesar do entrave infraestrutural, além de ser dito que muitas escolas têm Laboratórios e computadores - e que eles não são utilizados em razão da “falta de preparo e capacitação de grande parte dos professores para lidar com tal ferramenta” (Pereira e Santos, 2011, p. 6) - , novas tecnologias (mais especificamente Internet e satélites) também são associadas ao acesso à educação, especialmente na modalidade à distância, em contexto de ampliação do atendimento educacional da população brasileira por metas de políticas públicas, apresentando a EaD como possibilidade de democratização do saber (Zuba, Veloso e Souza, 2011, p. 2). Também é dito que “atualmente, com a utilização de satélites e da Internet, as barreiras geográficas não são mais impedimentos para a educação” e que por isso “um número cada vez maior de pessoas está tendo acesso ao ensino, melhorando conseqüentemente a vida de pessoas que não teriam a oportunidade de frequentar um curso presencial” (Zuba, Veloso e Souza, 2011, p.2). Há, aqui, certo otimismo tecnológico, que também pode ser percebido nos limites do discurso: palavras como 'auxiliam', 'melhoram' e 'facilitam' se destacam, focando nos benefícios que os artefatos tecnológicos supostamente teriam a oferecer, enquanto termos negativos ficam à margem.

Além do acesso ao ensino mencionado, o argumento da utilidade e interatividade digital aparece como senso comum, por vezes como premissa de superioridade em relação a métodos tradicionais: Nunes (2011, p. 6), por exemplo, associa blog à eficácia, dinamicidade e interatividade, enquanto o papel escrito é considerado monótono; Caramello, Kato e Ferreira (2011, p. 3) destacam, sob a autoridade de Pedro Demo, “ferramentas que compõem a web



2.0 capaz de desenvolver a aprendizagem baseada na autonomia e na autoria”, como “blogs, wikis, *social networks* (*Orkut, Myspace e Facebook*), *Messaging, Games e Youtube*”. Esses textos geralmente abordam as tecnologias digitais como recurso didático. Nesse contexto, empresas como a Google se mostram cada dia mais fortemente enraizadas nas práticas educativas. Não são poucos os textos que fazem menção a alguma plataforma da empresa (*Google Maps, Google Earth, YouTube*).

Em vista disso, vale destacar o professor, que é concebido, por vezes, como sujeito defasado em relação às novas tecnologias (Serrão e Martins, 2011, p. 9), como alguém sem preparo e capacitação (Pereira e Santos, 2011, p. 6). Ademais, é relatada a insuficiência de professores para ofertas de disciplinas vinculadas às geotecnologias (Almeida, Silva e Campos, 2011, p. 7). O professor aparece muito associado a um técnico nesses discursos, como um sujeito cuja autonomia é desvalorizada. Não é sem razão que a capacidade é uma palavra que lembra utilidade, outra palavra comum nos excertos, assim como ferramenta<sup>4</sup> e inovação, imperativos do evento em questão.

Entretanto, também se apresenta certa heterogeneidade de argumentos, sobretudo nos grupos de trabalho das Diferentes linguagens no ensino de Geografia e Materiais Didáticos no ensino de Geografia. O trabalho “A mediação pedagógica na autoria de objetos de aprendizagem geográficos por alunos” de Giordani<sup>5</sup>, compreende a desigualdade de acesso à tecnologia, com destaque para alunos que “não sabiam ligar um computador”, enquanto outros tinham “altos níveis de inserção e domínio” (Giordani, 2011, p. 7-8). Nessa lógica as tecnologias digitais não apresentam apenas e/ou por si só o acesso à informação; a escola, portanto, torna-se o acesso. Outro exemplo de emprego da palavra acesso está no artigo “Tecnologias e Geografia: Propostas para o Ensino Médio”, de Serrão e Cabral (2011, p. 4), em que é discutido o excesso de informação como um desafio, não apenas como uma possibilidade de acesso.

Além disso, a tecnologia digital, para além de um recurso didático, também é associada à uma mudança na percepção espacial contemporânea. Serrão e Cabral (2011, p.5) relacionam o ciberespaço à amplificação, exteriorização e modificação de funções cognitivas humanas, como memória, imaginação, percepção e raciocínio, fazendo referência a bancos de

<sup>4</sup> A palavra “ferramenta” é tratada por Ferreira *et al* (2022) como metáfora associada às tecnologias digitais mais difundida, dentro de uma lógica em que a educação está para ser consertada, com a noção de um solucionismo tecnológico.

<sup>5</sup> Vale destacar um trabalho de Giordani e Tonini (2013) em que caracterizam o aporte teórico-metodológico da produção científica sobre inserção das TICs no ensino de Geografia com base nos ENPEs 2009 e 2011. A pesquisa caracterizou as principais referências nos campos da Geografia, do ensino, das TIC's e do ensino de Geografia.



dados, realidades virtuais, sensores digitais e inteligência artificial, bem como Silva e Zacharias (2011, p. 6) abordam a representação do espaço na contemporaneidade, destacando a fragmentação e reconstrução dos espaços no processo de globalização, somada à diversidade de mídias e à rapidez das informações, além de que o conceito geográfico passa a ser percebido nos espaços virtuais (Caramello, Kato e Ferreira, 2011, p. 3). Nesse sentido, Iaga Guimarães (2011, p. 6), ao tratar de textos jornalísticos produzidos para o público infantil, destaca a mídia como educadora geral especialmente das novas gerações, e destaca a intensa produção de sentidos do mundo atual.

Por conseguinte, também se defende, por parte da escola, uma apropriação crítica do contexto de expansão do mundo digital, em que os alunos estão inseridos, para que não se percam no “dilúvio informacional”, também em vista de uma aproximação à realidade dos alunos e da sociedade em geral (Hanilton Souza, 2011, p. 2). Giordani destaca que cabe à Geografia Escolar “apropriar-se de práticas pedagógicas consonantes à contemporaneidade, as quais perpassam por novas metodologias do ensinar e do aprender, subsidiadas pelas tecnologias” (2011, p. 1). Corazza e Giordani (2011) vão além ao defender a introdução das tecnologias integradas à prática pedagógica. Percebe-se, portanto, uma formação lógica comum: ora apropriação, ora incorporação, ora integração das tecnologias em discussão. De qualquer modo, não é raro que a relação com o digital seja debatida como inevitável.

A partir da descrição das enunciações, formada por excertos extraídos dos artigos escolhidos nos Anais do ENPEG de 2011, identificaram-se alguns sujeitos acionados de modo recorrente, foram eles: os professores (6 trabalhos), as tecnologias (6 trabalhos), os alunos (4 trabalhos), a escola (1 trabalho) e a Geografia (2 trabalhos). Dentre eles, cabe destacar que os professores, mencionados como sujeitos, ora são retratados como atrasados por não dominarem as tecnologias digitais, ora são os responsáveis por sua inserção nas práticas pedagógicas. Já as tecnologias são posicionadas como agentes de transformação dessas práticas, sendo vistas tanto como desafio quanto como uma inevitabilidade.

A escola e a Geografia são destacadas como promotoras do acesso à informação e ao conhecimento, além de incentivarem o uso das tecnologias digitais. A Geografia é destacada tanto como uma ciência quanto como um conhecimento escolar, capaz de se apropriar da interatividade proporcionada pelas tecnologias para melhor relacionar teoria e prática no ensino dos seus conteúdos. Os alunos são mencionados com menos frequência, mas aparecem em um trabalho como estudantes de graduação insatisfeitos com a pouca inserção das geotecnologias em um curso superior e, em outro, como alunos da educação básica com diferentes níveis de acesso às tecnologias.



Ao enfatizar os sujeitos presentes nos excertos analisados e, portanto, acionados pelos enunciados das discussões sobre tecnologias digitais na Geografia Escolar em 2011, surgem questionamentos: os desafios antigos ainda persistem nas discussões contemporâneas sobre o tema? Que verdades são construídas ao se questionar o papel dos professores na inserção das tecnologias digitais em suas práticas docentes? De que maneira esse papel pode ser problematizado? Essas são questões relevantes, que se espera continuem a reverberar na formação docente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os discursos que emergem do ENPEG 2011 sobre as tecnologias digitais no ensino de Geografia tensionam possibilidades e limites. Se, por um lado, a tecnologia é apresentada como uma promessa de ampliação do acesso à educação e de transformação das práticas docentes, por outro, a materialidade dessas condições expõe desigualdades persistentes, desafios de infraestrutura e exclusões que se reconfiguram.

A análise dos Anais permitiu mapear regularidades e deslocamentos nos enunciados, que, em grande parte, vinculam as tecnologias digitais à comunicação, à interatividade e à inovação. A recorrência de termos como “uso”, “eficiência” e “utilidade” reforça uma abordagem tecnicista. Na mesma linha, a figura do professor com frequência é representada como um sujeito defasado que necessita de capacitação técnica, reduzindo a docência a um problema de atualização instrumental.

Ainda que concepções críticas também se façam presentes, tensionando a perspectiva tecnicista e reivindicando uma apropriação reflexiva das tecnologias, a crescente participação do setor privado e de tecnologias importadas na educação - especialmente da *Google (Earth, Maps, YouTube)*, mas também *Facebook, MySpace, Adobe*, etc. - por sua vez, se insinua em diversas afirmações sem ser plenamente interrogada, tornando-se quase um dado naturalizado.

Diante desse cenário, compreender como os discursos sobre as tecnologias digitais atravessam a Geografia Escolar implica não apenas identificar regularidades e rupturas, mas também atentar para os modos pelos quais determinados sujeitos, práticas e políticas são legitimados ou marginalizados. As práticas docentes em Geografia podem aprofundar essas questões, seja nas discussões entre os colegas e estudantes, seja examinando a evolução dessas tendências e as formas pelas quais as tecnologias digitais continuam a ressignificar o espaço educativo e os próprios sentidos de ensinar e aprender.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ricardo Sousa; SILVA, Alex Nunes; CAMPOS, Débora Raquel Melo. Geotecnologias e a formação de profissionais de Geografia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA, campus universitário do Bacanga, São Luís - MA. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 11., 2011, Goiás. Anais eletrônicos [...] Goiás: Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://lepeg.iesa.ufg.br/p/48026-anais-xi-encontro-nacional-de-praticas-de-ensino-de-geografia-enpeg>. Acesso em 05 mar. 2025.

CAMELLO, Nubia Deborah Araujo; KATO, Mara Silvia Cabral; FERREIRA, Maria Madalena. Contribuição metodológica de aplicativos virtuais na percepção do espaço geográfico e suas transformações. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 11., 2011, Goiás. Anais eletrônicos [...] Goiás: Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://lepeg.iesa.ufg.br/p/48026-anais-xi-encontro-nacional-de-praticas-de-ensino-de-geografia-enpeg>. Acesso em 05 mar. 2025.

CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos. Encontro Nacional de Prática de Ensino em Geografia: vasculhando anotações. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v. 10, n. 19, p. 235-252, jan./jun., 2020. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213870/001116609.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2025.

CORAZZA, Rosana; GIORDANI, Ana Claudia. Desenvolvimento de objeto de aprendizagem sobre mata ciliar. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 11., 2011, Goiás. Anais eletrônicos [...] Goiás: Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://lepeg.iesa.ufg.br/p/48026-anais-xi-encontro-nacional-de-praticas-de-ensino-de-geografia-enpeg>. Acesso em 05 mar. 2025.

DE SOUZA, Hanilton Ribeiro. Um olhar geográfico sobre filmes e documentários: o cinema nas aulas de geografia. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 11., 2011, Goiás. Anais eletrônicos [...] Goiás: Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://lepeg.iesa.ufg.br/p/48026-anais-xi-encontro-nacional-de-praticas-de-ensino-de-geografia-enpeg>. Acesso em 05 mar. 2025.

GIORDANI, Ana. Reverberações das fronteiras entre a Geografia e a Educação. In: LIMONAD, Ester; BARBOSA, Jorge Luiz (orgs.) et al. **Geografias, Reflexões Conceituais, Leituras da Ciência Geográfica, Estudos Geográficos**. São Paulo: Editora Max Limonad, 2020.

GONÇALVES, Amanda Regina. A Geografia Escolar como campo de investigação: história da disciplina e cultura escolar. **Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales**. Barcelona, vol. XVI, no 905, 2011. Disponível em: <https://www.ub.edu/geocrit/b3w-905.htm>. Acesso em 01 mar. 2025.

FERREIRA, Giselle Martins dos Santos; CARVALHO, Jaciara de Sá; LEMGRUBER, Márcio Silveira; ROSADO, Luiz Alexandre da Silva. Estratégias para resistir as resistências: experiências de pesquisa e docência em educação e tecnologia. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.18, n.2, p.994-1016 abr./jun. 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/43533>. Acesso em 05 mar. 2025.

FERREIRA, Maurício dos Santos; TRAVERSINI, Clarice Salete. A Análise Foucaultiana do Discurso como Ferramenta Metodológica de Pesquisa. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 207-226, jan./mar. 2013. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/edu\\_realidade](http://www.ufrgs.br/edu_realidade). Acesso em 05 mar. 2025



FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, novembro/2001. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cp/a/SjLt63Wc6DKkZtYvZtzgg9t/abstract/?lang=pt>. Acesso em 05 mar. 2025

GIORDANI, Ana Claudia. A mediação pedagógica na autoria de objetos de aprendizagem geográficos por alunos. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 11., 2011, Goiás. Anais eletrônicos [...] Goiás: Universidade Federal de Goiás. Disponível em:

<https://lepeg.iesa.ufg.br/p/48026-anais-xi-encontro-nacional-de-praticas-de-ensino-de-geografia-enpeg>. Acesso em 05 mar. 2025.

GUIMARÃES, Iaga. Textos jornalísticos produzidos para o público infantil escolar. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 11., 2011, Goiás. Anais eletrônicos [...] Goiás: Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://lepeg.iesa.ufg.br/p/48026-anais-xi-encontro-nacional-de-praticas-de-ensino-de-geografia-enpeg>. Acesso em 05 mar. 2025.

NUNES, Marcone Denys dos Reis. Estágio supervisionado em geografia: a modalidade de extensão como alternativa viável à aprendizagem. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 11., 2011, Goiás. Anais eletrônicos [...] Goiás: Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://lepeg.iesa.ufg.br/p/48026-anais-xi-encontro-nacional-de-praticas-de-ensino-de-geografia-enpeg>. Acesso em 05 mar. 2025.

PEREIRA, Cláudio Santos; SANTOS, Dulce Pereira. Integração Universidade e Escola Básica: Relato de Experiências. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 11., 2011, Goiás. Anais eletrônicos [...] Goiás: Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://lepeg.iesa.ufg.br/p/48026-anais-xi-encontro-nacional-de-praticas-de-ensino-de-geografia-enpeg>. Acesso em 05 mar. 2025.

SERRÃO, Celso Martins; CABRAL, Érica Natasha Batista. Tecnologias e Geografia: Propostas para o Ensino Médio. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 11., 2011, Goiás. Anais eletrônicos [...] Goiás: Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://lepeg.iesa.ufg.br/p/48026-anais-xi-encontro-nacional-de-praticas-de-ensino-de-geografia-enpeg>. Acesso em 05 mar. 2025.

SILVA, Elisabete de Fátima Farias; ZACHARIAS, Andrea. A linguagem cinematográfica e sua potencialidade para o estudo do lugar no Atlas municipal escolar de Ourinhos-SP. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 11., 2011, Goiás. Anais eletrônicos [...] Goiás: Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://lepeg.iesa.ufg.br/p/48026-anais-xi-encontro-nacional-de-praticas-de-ensino-de-geografia-enpeg>. Acesso em 05 mar. 2025.

VEIGA-NETO, Alfredo; LOPES, Maura Corcini. Há teoria e método em Michel Foucault? Implicações educacionais. In: CLARETO, Sônia Maria; FERRARI, Anderson (org.). **Foucault, Deleuze & Educação**. Juiz de Fora: UFJF, 2010. p.33-47.

ZUBA, Janete Aparecida Gomes; VELOSO, Lérica Maria Mendes; SOUZA, Tatiana Rodriguez. A formação de professores de Geografia na modalidade Educação à Distância. In: ENCONTRO NACIONAL DE PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA, 11., 2011, Goiás. Anais eletrônicos [...] Goiás: Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <https://lepeg.iesa.ufg.br/p/48026-anais-xi-encontro-nacional-de-praticas-de-ensino-de-geografia-enpeg>. Acesso em 05 mar. 2025.

